

## OS DEUSES DE RICARDO REIS

Maria do Socorro *Simões*  
Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *A necessidade de se dividir, para propiciar evasão a um mundo interior cheio de beleza e originalidade, levou Fernando Pessoa a dar vida aos heterônimos. Estes, pela maneira como se comportam, fazem-nos pensá-los entidades autônomas, com características próprias, posições mentais diferentes e visão pessoal do mundo. Nesse texto procuraremos mostrar também alguns aspectos do paganismo de Reis, considerando que este é "discípulo direto" Caeiro que, por sua vez, é mestre dos demais heterônimos e até do próprio Fernando Pessoa. Reis foi criado por uma necessidade, latente em Pessoa, de extravasar sua concepção clássica e, talvez, para demonstrar a sua capacidade de equilíbrio, em oposição ao desmedido excesso de Álvaro de Campos.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Fernando Pessoa; Ricardo Reis; Paganismo; Deuses.*
- **ABSTRACT:** *The need to divide to propitiate escape to an interior world full of beauty and originality, took Fernando Pessoa to give life to the heteronimes. These, for the way as they make us to think them autonomous entities, with own characteristics, different mental positions and personal vision of the word. In the text we will try to show also some aspect of Reis' paganism, considering that these are "direct" of Caeiro pupils that, for its time, he is master of the other heteronime and of own Fernando Pessoa. Reis was created by need, latent in Pessoa, for demonstrating its balance capacity, in opposition to the limitless excess of Alvaro de Campos.*
- **KEY WORDS:** *Fernando Pessoa; Ricardo Reis; Paganism; Classics gods.*

Falar sobre Fernando Pessoa constitui, ao mesmo tempo, privilégio e responsabilidade. Privilégio porque discorrer sobre o poeta e sua criação subentende conhecê-lo e conhecê-la, o que significa ter podido debruçar-se sobre uma fonte transbordada de beleza poética e fluir filosófico. Responsabilidade, tanto se tem escrito e falado do grande artista que tudo que se diga pode tornar-se redundante e supérfluo. Por isso, não nos propomos nada de novo, nem uma inovação em termos de crítica e apreciação textual, almejamos apenas, e tão-somente, uma leitura interpretativa de parte da obra de Ricardo Reis (Pessoa, 1972), o heterônimo considerado a "depuração clássica" de Pessoa (apud Entrambas-gua, 1955, p. 19-41).

Em seu constante desdobrar-se, Pessoa reuniu em torno de si quatro poetas, quatro personalidades, quatro criaturas de um drama, o drama que representa o principal elemento constitutivo da sua criação poética.

Os chamados heterônimos, embora possuam estilo distintos, não raras vezes se identificam. No decorrer de suas composições, ora afastam-se, ora aproximam-se, mas um fio condutor não permite que se percam no distanciamento nem se anulem pela identificação. Pessoa, o criador, é o eixo que mantém a “diversidade e a unidade” (Coelho, 1973, p. 133-53) de que tanto se tem falado. Enquanto criador, ele consegue manobrar os heterônimos como marionetes e, apesar de terem sua individualidade, são “emissores” de “um rei”, cuja mente criadora, incomparável, não se poderia restringir a um só poeta. Um homem não comportaria tal genialidade, daí a necessidade do desdobramento.

Apesar de estarmos mais voltada para os deuses de Reis, procuraremos mostrar também alguns aspectos do paganismo de Caeiro, considerando que aquele é “discípulo direto”<sup>1</sup> deste, por sua vez, mestre, também, dos demais heterônimos e até do próprio Fernando Pessoa.

Conforme já foi dito, um ser portentoso de imaginação e sensibilidades poéticas e, sobretudo, abúlico não se podia restringir a um único tipo de criação. A necessidade de se dividir para propiciar evasão a um mundo interior cheio de beleza e originalidade levou-o a dar vida aos heterônimos. Estes, pela maneira como se comportam, fazem-nos pensá-los entidades autônomas, com características próprias, posições mentais diferentes e visão pessoal do mundo. É Álvaro de Campos que confirma esta imagem de Fernando Pessoa.

“.....  
Multipliquei-me, para me sentir,  
Para me sentir, precisei sentir tudo,  
Trasbordei, não fiz se não extravasar-me

<sup>1</sup> Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões. Lisboa, Europa – América. Introdução, apresentação e Notas de João Gaspar Simões.

.....  
E há em cada canto da minha alma um altar  
/ a um deus diferente.”  
(Pessoa, 1972, p. 345)

Desta incontida natureza poética adveio Reis, logo após o seu grande momento de inspiração, no dia que ele denominou de “o dia triunfal de minha vida” (Paz, 1972, p. 63-4). Segundo o próprio Pessoa, Ricardo Reis foi arrancado do falso paganismo de Caeiro, sendo o “discípulo direto” desse.

Reis foi criado por uma necessidade, latente em Pessoa, de extravasar sua concepção clássica e talvez, para demonstrar a sua capacidade de equilíbrio, em oposição ao desmedido excesso de Álvaro de Campos, também. Parece-nos, portanto, que não foi, sobretudo, por um impulso exterior ou “propósito de querer concretizar certas posições literárias, cuja necessidade parecera evidente num determinado momento histórico europeu” (Lind, 1970, p. 97), que culminou com o nascimento dos heterônimos, como nos quer fazer crer o crítico Georg Rudolf Lind; acreditamos, antes, que Ricardo Reis, particularmente, surgiu para efetivação de uma teoria clássica previsível na personalidade pessoana, sendo este heterônimo, assim como os demais, produto muito mais de força interna do que externa, sem, contudo, se descurar de grande comprometimento com uma formação acadêmica bem definida.

A filosofia da obra de Reis, segundo o seu criador, “Resume-se num triste epicurismo” (Pessoa, s. d., p. 323), todavia sabemos que, também, o estoicismo mescla as odes do heterônimo. Sendo o mais sóbrio dos discípulos de Caeiro, compôs, segundo a forma polida dos poetas neoclássicos. O rigor do construtivismo de sua linguagem chegou a preocupar o seu criador, que assim se expressou:

“Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente, mas com lapsos como dizer “eu próprio” em vez de “eu mesmo,  
Reis melhor do que eu, mas com um purismo que

considero exagerado.”  
(Citado por PAZ, 1972, p. 201-20)

Embora seguindo os seus próprios caminhos, Ricardo Reis demonstra grande respeito pelo seu mestre, a primeira ode é uma prova deste comportamento de discípulo:

“Mestre, são plácidas  
Todas as horas  
Que nós perdemos,  
Se no perdê-las,  
Qual numa jarra,  
Nós pomos flores.” (Paz, 1972, p. 253)

E, ainda que o paganismo tenha sido um tema comum a ambos, eles o abordaram de maneira distinta, segundo uma concepção particular.

A formação de Fernando Pessoa determinou a sua criação poética, em grande parte. O paganismo presente nas obras de Reis e Caeiro é uma evidência deste fato. A admiração do poeta pelo espírito grego, despertada, talvez, quando de seus estudos no Curso Superior de Letras da Universidade de Lisboa, legou-lhe o “espírito de objetividade” tão perceptível em toda a sua produção. Este ideal de objetivismo deu origem às suas constantes controvérsias com o Cristianismo. Atribuindo ao apóstolo Paulo os fundamentos da religião cristã, Pessoa nega a existência de Cristo como personalidade histórica. Estas idéias são, obviamente, reflexo das idéias ateístas disseminadas por todo o século XIX.

Para o poeta, o Cristianismo foi produto e fator da decadência, bem como “the metaphysical decadente of Greece, the religious decadence of Jewry and the social decadence of Roma” (apud LIND, 1970, p. 106). Segundo essas considerações, o Cristianismo sempre exerceu influência nefasta e os séculos, em que a religião cristã predominou na Europa foram chamados por Pessoa de “dark ages”. Mesmo assim ele permitiu-se aludir à moral cristã como um dos sustentáculos da cultura européia.

Para a compreensão da estética de Pessoa é muito importante que a história do Cristianismo seja vista como a evolução para uma interiorização espiritual, sempre mais crescente. Esta tendência interiorista esboça-se no paganismo da decadência.

Reis, o pagão decadente, transporta-se para os séculos que antecederam o advento de Cristo e assume o ceticismo dominante daquela época.

Grande parte de suas odes, de expressão rígida e culta, contém a mesma carga poética de abstração do Mestre Caeiro. Nelas encontramos latentes a vaidade dos deuses e o aborrecimento pelo Cristianismo, apesar de admitir Jesus, como esteta, cuja “forma dolorosa nos trouxe algo que faltava” (Pessoa, s. d, p. 272, ode 343).

Ainda que a concepção dos deuses por Ricardo Reis seja considerada vária e incorreta, é possível verificar-se a presença de certas idéias mais recorrentes em algumas de suas odes, o que não implica em afirmação de uma seqüência rigidamente lógica.

Neste texto, consideraremos, primeiramente, a ode 311, que nos parece um ponto de referência dos deuses de Reis.

Altamente comprometido com as doutrinas clássicas, logo na segunda ode, ele busca na mitologia explicações para as posições assumidas em relação aos diversos deuses, mostrando a facção que determinou a materialidade dos vencedores em contraposição à espiritualidade dos vencidos.

Segundo a Teogonia de Hesíodo, os filhos de Urano, o Céu e Gê (ou Géia, ou Gaia), a terra, também chamados de Titãs, pertenceram à geração divina que precedeu imediatamente a primeira geração olímpica. Eram seis os Titãs: Ceo, Crio, Saturno, Hipérion, Lápeto e Oceano. Comandados por Saturno, revoltaram-se contra o pai e o destronaram. Mais tarde, a mesma sorte de Urano havia de caber a Saturno. Ao fim de uma luta que durou dez anos, os Titãs foram derrotados por Júpiter, que, encerrando-se no Tártaro, passou a reinar do Olimpo sobre a terra e o céu, os homens e os demais deuses. O vencedor concedeu aos seus irmãos Plutão e Netuno o reino dos infernos e a soberania dos mares, respectivamente são estes Titãs que Ricardo Reis apresenta

como desprovidos de todo o poder — as “inúteis forças” no dizer do poeta. Por vezes, envoltos pela obscuridade crepuscular, eles vêm espreitar os humanos. Reis associa a presença deles ao aparecimento de todos os males que afligem o espírito humano.

“.....  
Vêm inúteis forças,  
Solicitar em nos  
As dores e os cansaços,  
Que nos tira das mão,  
Como um bêbado mole  
A taça da alegria.”  
(Pessoa, s. d, p. 254, ode 254)

Ainda, Hesíodo nos informa que a monstrosidade e a selvageria que caracterizam os deuses desterrados foram substituídas pela beleza, pela serenidade e pela luz dos olímpicos vencedores.

Atribuindo a essas deidades de “matéria vencida” o nascimento da angústia e da dor, o poeta estabelece neste poema, como já citamos, o ponto de referência ou, mesmo, a base de sua escalada pagã. São estes deuses que os homens, à força de imitá-los, procuram atingir, como deixam claro certos poemas de Ricardo Reis.

A quarta estrofe da ode referida remete-nos à famosa perda da felicidade edênica, pelo conhecimento do bem e do mal, conforme diversa, mas, em muitos pontos, análoga doutrina:

“.....  
Vêm fazer-nos crer,  
Despeitadas ruínas  
De primitivas forças,  
Que o mundo é mais extenso  
Que o que se vê e apalpa,  
Para que ofendamos  
A Júpiter e Apolo.”  
(Pessoa, s. d, p. 254, ode 311)

O conhecimento mencionado ofenderia a Júpiter, segundo os gregos, assim como o pecado original ofendeu a Jeová no Gênesis. Partindo deste pensamento, diríamos que há certa semelhança entre a serpente, citada na Bíblia, e os Titãs vencidos pelo seu caráter perturbador.

Ainda citamos, como referência importante desta ode, o fato de a espiritualidade dos Titãs ter sido motivada pela perda do poder. Isto se colocou em oposição à materialidade olímpica, que oferecia o mundo aos homens como realidade palpável, apenas. Para Hesíodo, verifica-se exatamente o contrário, isto é, à materialidade dos vencidos sucede a espiritualidade de Júpiter. Reis vê nessa “matéria vencida longínqua e inativa”, em que persiste o espírito e a transcendência, o ponto exato da origem das angústias que vêm, por vezes, unir os homens no mesmo soluço.

Portanto, duas classes de deuses marcaram sua presença na ode 311, deuses que estarão presentes, também, em outras composições de Reis: de um lado, os desterrados e vencidos; do outro lado, os vencedores entronizados. Aqueles espirituais e condutores das angústias da humanidade; esses cheios de materialidade e poder.

Concluimos que, para Reis, na negação de todo o espírito e de toda a transparência, está a felicidade, e se não esta em toda a sua plenitude pelo menos a não-infelicidade. Isto, na medida em que o concreto é superior aos demais valores, como nos confirmam as palavras da ode 335: “A consciência lúcida e solene/das coisas e dos seres” (Pessoa, s. d, p. 256, ode 335) seria a única forma de evitar o sofrimento e o temor. Só o que é material “Tem abrigo seguro”... “O resto passa”.

Apesar disso, Reis é assediado pelo sofrimento e pelo temor. Não o aflige o não ter a “consciência lúcida / das coisas e dos seres”. Ele a tem. Sofre, todavia, pelo temor de perdê-la, uma fatalidade ignota:

“Tudo quanto me ameaça de mudar-me  
Para melhor que seja, odeio e fujo.”  
(Pessoa, s. d, p. 273, ode 344)

.....  
 “Basta que a vida seja só a vida  
 E que eu a viva”.  
 (Pessoa, s. d, p. 714, Variante da ode 344)

Com esta ode atingimos uma das mais constantes preocupações de Ricardo Reis, o Destino. Este é, sem dúvida, um dos pontos capitais de sua temática. Perturba-o a possibilidade de mudança ou de renovação, ainda que para melhor, pois daí adviria a não-conformação com a sua miséria estrutural.

É importante para o poeta aceitar plena, serena e desinteressadamente o inevitável fim. É importante ter consciência, e que seja “consciência lúcida”, ainda que ela se volte para o próprio *eu*, revelando a sua condição que se resolve em *nada*, como explica magicamente o autor de “Pessoa revisitado”:

Para alcançar a invulnerabilidade suprema que os fados reais não nos consentem, aceitemos como essencial e contentemente perecíveis, a nós ao universo inteiro, enraízem-nos sem remorso na nossa condição original que sem cessar velamos para melhor substituir, com o risco de perder o único benefício e alcançar o único esplendor que pode coroar o nosso NADA: ter consciência dele,

Isto o diz, em insuperável concisão de medalha antiga, um dos mais pungentes e desolados poemas de Ricardo Reis:

“Melhor destino que o de conhecer-se  
 Não frui quem mente frui. Antes sabendo  
 Ser nada, que ignorando:  
 Nada dentro de nada.  
 Se não houver em mim poder que vença  
 As parcas três e as moles do futuro,  
 Já me dêem os deuses  
 O poder de sabê-lo;  
 E a beleza, incrível por meu sestro,  
 Eu goze externa e dada, repetida  
 Em meus passivos olhos,

Lagos que a morte seca.”  
 (Lourenço, 1973, p. 55-6)

Notamos, ainda, que esse “Antes sabendo/Ser nada...” está de acordo com a idéia já referida sobre a negação da transcendência, pois que o homem, afinal, se contenta em gozá-la, mas apenas em parte, e não de forma plena: “Passivos olhos/Lagos que a morte seca”, a que poderíamos cognominar de “Logos *condenados*”.

Para Reis “os deuses gregos representam a fixação abstrata do objetivismo concretizador”, o tratamento material e humanista dispensado às deidades olímpicas, bem como a negação dos valores transcendentais, já demonstrada neste estudo, vão produzir no poeta o afastamento total dos conceitos e propósitos cristãos, que foram erguidos sobre bases, quase que estritamente, espirituais. A figura de Jesus Cristo é recebida no Panteão pagão, que ele como panteísta construiu em sua odes, assim:

“Cristo é um deus a mais,  
 Talvez um que faltava.”  
 (Pessoa, s.d., p. 255, ode 313)

Esta idéia se repete em vários poemas, e acrescenta em um deles:

.....  
 Mas aquele que quer Cristo antepor  
 Aos mais antigos deuses que o Olimpo  
 Seguiram Saturno –  
 .....  
 erra, sombra inquieta, incertamente,”  
 (Pessoa, s.d., p. 271, ode 341)

Sendo assim o autor nega o direito de exclusividade da religião cristã, tão divulgada por seus seguidores.

O “triste deus cristão” que tanto se distancia da alegria olímpica, vem, portanto, apenas, completar o antigo Panteão, e

sua presença não implica anulação dos demais deuses. Aliás, o poeta até se refere à primazia desses, conferindo-lhes mais prestígio por sua anterioridade:

“Mas que os teus crentes não te ergam sobre  
Outros, antigos deuses que dataram  
Por filhos de Saturno  
De mais perto da origem igual das coisas.”  
(Pessoa, s.d., p. 272, ode 341)

Para Reis o unilateralismo dos seguidores de Cristo opõe-se violentamente à multiplicidade dos seres e da vida. O politeísmo fértil e diversificado, tão de acordo com as próprias concepções de Fernando Pessoa, o criador que já afirmara: “a realidade... surge-nos diretamente plural”, é condição indispensável para se prestar justiça à grande variedade de fenômenos:

“Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo,  
/ que a vida  
É múltipla e todos os dias são diferentes dos outros,  
E só sendo múltiplo com eles  
Estaremos com a verdade e nós.”  
(Pessoa, s.d., p. 271, ode 342)

Desta maneira a multiplicidade dos deuses surge como única e indiscutível possibilidade de aproximação com a verdade. Como Reis é o menos heterônimo entre os heterônimos, ratificamos o dito anteriormente, esta é uma idéia acordada com a preocupação poética de Pessoa – a diversidade de tudo.

A ode 334, que complementa e desenvolve a anterioridade citada, traz novamente, e desta vez com um pouco mais de evidência, o problema do destino, quando o poeta admite que os próprios deuses a ele estão sujeitos:

“.....  
E melhores memórias recolheram  
Do primitivo caos e da noite

Onde os deuses não são  
Mais que estrelas subditas do fato.”  
(Pessoa, s.d., p. 272, ode 343)

Nas duas últimas estrofes do poema, Reis aconselha:

“Ah, aumentai, não combatendo nunca,  
Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando  
Cada vez maior força  
P’lo número maior.

Bastam os males que os Fados as Parcas fez  
Por seu intuito natural fazerem.  
Nós homens nos forcamos  
Unidos pelos deuses.”

Sem particularizar as crenças, os homens devem-se tornar unidos pelos deuses. Parece ser o que lhes resta, a inexorabilidade do destino.

Depois de afirmar que “Não consentem os deuses mais que a vida” (Pessoa, s.d., p. 260, ode 323), deixando clara a superioridade dos divos, Reis vê a necessidade de unirem-se os homens “pelos deuses”; percebe-se, então, que aos poucos vai desaparecendo para o poeta a distância que separa deuses de homens. Esta mesma idéia já fora exposta pelo poeta em *Páginas Íntimas e de auto-interpretação*: “Pessoalmente creio na existência dos deuses, creio no seu número infinito, na possibilidade de o homem ascender a Deus.” (Pessoa, s.d., p. 299) A obra do autor confirma a sua teoria, é o que percebemos nestes versos:

“Da nossa semelhança com os deuses  
Por nossos bem tiremos  
Jugarmo-nos deidades exiladas”  
(Pessoa, s.d., p. 261, ode 325)

Temos, então, logo depois de uma referência à semelhança entre os deuses e o homem, a expressão: “deidades exila-

das”, aplicada aos humanos. Parece não haver dúvida de que esta equívale a “deuses desterrados” já mencionada neste estudo, a propósito de nossos primeiros comentários, todavia, aqui, ela assume um significado diverso. Reis apresenta o homem que recebe e aceita a vida como única dádiva dos deuses, admitindo ser-lhe dado o poder de controlar as suas próprias atitudes, sendo estas condicionadas por uma conceituação primária da existência, que nas palavras do poeta é tão-somente “... indecisa e afluyente/Fatal do rio escuro”. Portanto ao homem é dada a existência “como uma vila”... “para esquecer o estilo”. O fim fatalmente virá. Por que viver “de certa forma mas apoquentada”? se o “Destino é calmo e inexorável”? Para o autor o ideal é que o homem se acomode a esta situação de maneira mais adequada para não ter “nem o remorso de Ter vivido”.

Fiel ao pensamento grego, ele salienta nesta ode a superioridade do destino: “... acima dos deuses o destino / É calmo e inexorável”. Esta é uma idéia na poética de Reis, assim como a Moira angustiou os gregos no passado, o angustiado poeta sofre e sabe das ameaças do Fado.

E não só o angustia saber que nada pode fazer para mudar o que já foi determinado, também lhe pesa o conhecimento da enfermidade da existência. Na verdade a vida concedida pelos deuses é apenas uma ilusão da vida, ainda que verdadeiramente a concedam:

“Pouco os deuses nos dão e pouco é falso.

Porém se o dão, falso que seja, a dádiva  
É verdadeira.”  
(Pessoa, s.d., p. 285, ode 394)

Diante disso o poeta aconselha, considerando uma solução humanista do delineamento de um fato altivo e voluntário, que aceitamos...

“... sem mais nada.  
Assim o trigo baixa o vento, e, quando  
O vento cessa, ergue-se”  
(Pessoa, s.d., p. 285, ode 396)

Sem poder sequer ser questionada, a vida se lhe apresenta, do mesmo modo que para Fernando Pessoa “ele mesmo”, como algo que “aconteceu do alto do infinito”. Por que interrogar, se a resposta (se é que existe) não nos pertence?

“Vê de longe a vida.  
Nunca a interrogues.  
Ela nada pode  
Dizer-te. A resposta  
Está além dos deuses.”  
(Pessoa, s.d., p. 270, ode 340)

Esta ode traz-nos, com bastante nitidez, a imagem inconfundível do Mestre. Ainda nesta mesma linha de pensamento, assinalamos o poema da página 262 da *Obra Poética*:

“Só esta liberdade nos concedem  
Os deuses: submetermo-nos  
Ao seu domínio por vontade nossa.  
Mais vale assim fazermos  
Porque só na ilusão da liberdade  
A liberdade existe.”

Nem outros jeitos os deuses, sobre quem  
O eterno fado pesa,  
Usam para o seu calma e possuído  
Convencimento antigo  
De que é divina e livre a sua vida.

Nós, imitamos os deuses,  
Tão pouco livres como eles no Olimpo,  
Como quem pela areia  
Ergue castelos para encher os olhos,

Ergamos nossa vida  
E os deuses saberão agradecer-nos  
O sermos tão como eles.”  
(Pessoa, s.d., p. 262, ode 326)

Já que os deuses na sua ilusão de divindade submetem-se coincidentemente ao destino que lhe é superior, assim o homem, aceitando dos deuses também coincidentemente o jogo da existência, cria para si mesmo a própria liberdade que só se realiza no nível puro e simples daquela mesma ilusão. Fiel à idéia referida, o poeta, embriagado por essa liberdade ilusória, invoca:

“Quero dos deuses só que não me lembrem.  
Serei livre – sem dita nem desdita,  
Como o vento que é a vida  
Do ar que não é nada” (Pessoa, s.d., p. 295, ode 432)

Enfim, sentindo-se despojado e deserto, sem espiritualidade, frio como os píncaros, dono de uma liberdade que se torna real pelo pouco que almeja, o homem, sem trair a natureza, vê-se repetidamente equiparado aos deuses:

“Não só quem nos odeia ou quem nos inveja  
Nos limita e oprime, quem nos ama  
Não menos nos limita.  
Que os deuses me concedam que, despido  
De afeto, tenha fria liberdade  
Dos píncaros sem nada.  
Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada  
É livre; quem não tem e não deseja,  
Homem, é igual aos deuses.”  
(Pessoa, s.d., p. 284, ode 392)

Com a imitação e conseqüente igualdade com os deuses, o poeta atinge duas novas fases na contínua ascensão. Sente-se afastado de todos os males e angústias, vivendo um momento

olímpico, onde a liberdade e a felicidade são possíveis pela ausência de comprometimento afetivo:

“..... A dita é um jogo  
E o ser feliz oprime  
Porque é um certo estado.  
Não quieto nem inquieto o meu ser calmo  
Quero erguer alto acima de onde os homens  
Têm prazer ou dores.”

Um passo além, na vertiginosa escalada poética de Reis, é a própria condição das coisas passageiras que os deuses, bem como os homens a eles equiparados, do alto de sua indiferença, desprezam:

“Em um só momento nos sentimos deuses  
Imortais pela calma que vestimos  
E a altiva indiferença  
Às coisas passageiras”  
(Pessoa, s.d., p. 295, ode 433)

Estes mesmos deuses, tão indiferentes e ativos ante as coisas passageiras, sofrem o efeito do contínuo passar humano. Na medida em que na memória dos homens vivem, passam, quando esses, também, passam:

“Ninguém, na vasta selva virgem  
Do mundo inumerável, finalmente  
Vê o deus que conhece.  
Só o que a brisa traz se ouve na brisa.  
O que pensamos, seja amor ou deuses,  
Passa, porque passamos.”  
(Pessoa, s.d., p. 293,294, ode 429)

Atingimos, finalmente, o momento em que no imenso Panteão que Reis constrói, se completa a identificação do homem com a essência divina:

“Se a cada coisa que há um deus compete,



Por que não haverá de mim um deus?  
 Por que não serei eu?  
 É em mim que o deus anima  
 Porque eu sinto.  
 O mundo externo claramente vejo –  
 Coisas, homem, sem alma.”  
 (Pessoa, s.d., p. 287, ode 403)

Cada homem corresponde a um deus que vê indiferente o “mundo externo”, havendo possibilidade de sobrevivência integral da sua natureza humana, ainda que ela esteja submissa à realidade de um destino.

Como vimos, Ricardo Reis criou um imenso Panteão pagão, complexo para atender à complexidade da vida e nele inseriu o deus cristão para dar, apenas nova “pulcritude” ao antigo “Panteão incerto”.

Esse “pagão da decadência” revela-nos por meio das odes a sua convicção e submissão à plêiade de deuses por ele lembrada, embora deixe sempre bem claro que o Fado é uma força maior, sendo que todos, homens e deuses, obedecemos a esta entidade implacável.

Caeiro é diferente, ele “não era pagão: era o paganismo”<sup>2</sup> assim disse um de seus discípulos. Enquanto Reis faz emergir do passado a Grécia antiga, pela presença da mitologia em suas odes, Caeiro parece ignorá-la totalmente e, quando faz uma alusão ao mundo grego, a imagem é tão pouco importante que passa quase despercebida do leitor, como acontece no poema XLVI de *O Guardador de Rebanhos*:

“Ainda assim, sou alguém.  
 Sou o Descobridor da Natureza,  
 Sou o Argonauta das sensações verdadeiras,  
 Trago um Universo um novo Universo  
 Porque trago ao Universo ele próprio”  
 (Pessoa, s.d., p. 226. O grifo é nosso.)

<sup>2</sup> Pessoa, s.d., p. 284. O texto referido encontra-se no prefácio: “Notas para recordação do meu mestre Caeiro” sob a assinatura de Alvaro de Campos.

Está bem mais evidente no texto o objetivismo de Caeiro, ao declarar-se um poeta da natureza, do que realça a imagem própria do mundo grego.

O paganismo de Caeiro está fundamentado na ausência de qualquer ideologia pagã. De acordo com o professor Benedito Nunes, o paganismo do Mestre reside da sua “inocência de alma” (Nunes, 1969).

O domínio de qualquer realidade, que não fosse aquela que ele pudesse ver, fê-lo também, desconhecer a inquietude e desejo de infinito e de imortalidade:

“Creio no mundo como no mal me quer,  
 Porque o vejo. Mas não penso nele  
 Porque pensar é não compreender...  
 .....  
 O mundo não se fez para pensarmos nele  
 (Pensar é está doente nos olhos)  
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...  
 .....  
 Amar é a eterna inocência,  
 E a única inocência é não pensar...  
 (Pessoa, s.d., p. 204-05)

Assim foi Caeiro, em uma época em que os conceitos sobre o Cristianismo se desintegravam; ele surgiu, segundo os moldes gregos, com o objetivismo absoluto e fez-se pagão por inteiro, mas alheio a toda ideologia.

São muito poucas as passagens encontradas nas obras do Mestre que o declaram pagão. Um poema de *O Guardador de Rebanhos* é uma dessas, em que o autor caracteriza as pessoas da trindade:

“.....  
 E o outro pai era uma pomba estúpida,  
 A única pomba feia do mundo  
 Porque não era do mundo nem era da pomba.  
 .....

E a sua mãe não tinha amado antes de o Ter,  
.....

Não era mulher era uma mala.  
.....

Diz-me muito mal de Deus

Diz que ele é um velho estúpido e doente,

Sempre a escarrar no chão

E a dizer indecências.” (Pessoa, s.d., p. 209-12)

Esta atitude de Alberto Caeiro é bem diversa da de Ricardo Reis. Esse recebeu a inclusão de Cristo no Panteão pagão, e, apesar de abominar a posição exclusivista de seus seguidores, admite-o como um entre os demais deuses; Caeiro desconhece, totalmente, qualquer aspecto de divindade à pessoa do Deus cristão, a ele se refere ironicamente, bem como às outras duas pessoas da Trindade, ainda que, considerando poeticamente, o comportamento de Caeiro se transmude e nos mostre um Menino Jesus, eterna criança que o acompanha e o inspira.

É pela ausência de ideologia e presença de uma profunda sutileza que a obra de Alberto Caeiro é ambígua, e rica de conotação, o que a coloca entre os grandes momentos de poeticidade pessoana.

O convívio efetivo com a obra de Pessoa ratificou mais uma vez a superioridade do gênio português, permitindo-nos haurir desse manancial o que há de mais profundo em poesia moderna.

Ainda que seja para alguns leitores de Pessoa o menos importante entre os heterônimos, Ricardo Reis pareceu-nos, sobretudo, singular pelo que tem de afim com a obra do seu criador.

Na criação de Reis se confirma o espírito instável de Fernando Pessoa, marca evidente da angústia constante do homem moderno, que o poeta revelou com grande nitidez nas suas diversas facetas.

A genialidade ímpar da literatura ocidental se fez presente sob a assinatura de Ricardo Reis, trazendo do passado as lições

de Horácio, mas com uma visão particular e a força da originalidade pessoana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade de Fernando Pessoa*. 4. ed. Lisboa: Verbo, 1973.
- ENTRAMBASAGUAS, Joaquim d'. *Fernando Pessoa y su creacion poética*. Madrid: Conselho Superior de Investigaciones Cientificas, 1955.
- GRAVES, Robert. *The Greek myths*. Edinburg: R & R Clark, 1955. 2 v.
- KUJAWSKY, Gilberto de Melo. *Fernando Pessoa, o outro*. 2. ed. São Paulo: Transbrasil, 1973.
- LIND, Georg Rudolf. *Teoria Poética de Fernando Pessoa*. Porto: Inova, 1970.
- LOPES, Oscar, SARAIVA, A. J. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, s. d.
- LOURENÇO, Eduardo. *Pessoa Revisitado*. Porto: Inova, 1973.
- NUNES, Benedito. Fernando Pessoa. In: \_\_\_\_\_. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- PAZ, Otávio. O desconhecido de si mesmo – Fernando Pessoa. In: \_\_\_\_\_. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas de auto-interpretação*. Lisboa: Ática, s. d.
- PESSOA, Fernando. *Obras Poéticas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972.
- SACRAMENTOS, Mário. *Fernando Pessoa, o poeta da hora absurda*. 2. ed. Porto: Inova, 1970.
- SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou poetodrama*. São Paulo: Perspectiva, 1974.